

Fédon

Fábio Abreu dos Passos – IPTAN

Doutorando em Filosofia – UFMG

E-mail - fabreudospassos@gmail.com

Fone: (32) 3372-3675

Data de recepção: 19/11/2012

Data de aprovação: 15/02/2013

Resenha de: PLATÃO. *Fédon*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1996, 73 p. (Coleção Os Pensadores).

O diálogo “Fédon”, de Platão, trata substancialmente de fundamentar a imortalidade a partir da análise da *psychê* humana. Assim, o dialogo entre Fédon e Equécrates refere-se aos momentos finais da estada de Sócrates neste mundo, antes de sua execução por inalação de cicuta.

No início do diálogo, Sócrates procura convencer aos seus ouvintes de que não é uma desgraça a viagem que ele em breve irá realizar, ou seja, a separação da *psychê* (alma) do *sôma* (corpo), o que constitui a concepção de morte em Platão.

Assim, nas primeiras linhas desse diálogo, Sócrates relata a posição daquele que se preparou toda a vida para o momento da morte; como a filosofia, que no diálogo “Fédon” é compreendida como a principal virtude, devendo auxiliar ao homem para que possa se desligar do *som*, para que a *psychê* permaneça com o que lhe é semelhante, ou seja, as “IDEIAS”, os arquétipos do mundo sensível. Desse modo, aqueles que passam sua vida filosofando, adquirem a fisionomia dos mortos, ficam apartados de seu *sôma* por intermédio da dialética que educa à *psychê* para a contemplação do “Bem”. Nesse sentido,

filosofar significa antecipar a separação da *psychê* do *sôma*, apartando-se das paixões e prazeres fugazes e dirigindo-se para a ilha dos bem aventurados, verdadeiro lar.

Portanto, Sócrates procura, com sua explanação acerca da purificação da *psychê*, demonstrar aos seus interlocutores que, para ele, é preferível a morte à vida, pois a *psychê* poderá se desvencilhar dos sentidos enganadores e encontrar a verdade, a essência das coisas. Contudo, Cebes não se dá por satisfeito com o posicionamento de Sócrates, porque sua argumentação não prova a imortalidade da *psychê* após sua separação do *sôma*.

Para convencer a Cebes, Sócrates utiliza-se da argumentação da geração do mundo, do movimento cíclico, a partir de seus contrários. O que pode ser o contrário da morte? A vida. Portanto, a vida nasce da morte, entendimento platônico. Pensa que morte e vida se referem à *psychê*, sendo que essa permanece no Hades após a sua separação do *sôma*, podendo vir a animar outro *sôma*. Nesse contexto surge a teoria do “Mundo das Ideias” que sustenta a ideia da imortalidade da *psychê*, em que os arquétipos são contemplados pela *psychê*; do contrário, não teríamos paradigmas para servir de parâmetros avaliadores das virtudes humanas.

A imortalidade da *psychê*, pertence ao campo mais amplo de conhecimento, isto é, está na tradição do pensamento religioso e filosófico que influenciou Platão. Temos, a título de exemplo, o pitagorismo que compreendia a vida na terra, como uma etapa da vida da *psychê*, em que se purificaria através de jejuns, dietas e principalmente, pelo conhecimento filosófico. Assim, haveria harmonia da *psychê*.

No decorrer do diálogo, Cebes e Símiias não se convencem do argumento da permanência da *psychê* após a morte. Sócrates, para refutá-los, parte da teoria do “Mundo das Ideias”, em que há o “Belo” e o “Bem” em si, dando realidade a tudo o que existe. Essa teoria é necessária para compreender a natureza das coisas: umas são compostas, visíveis e conseqüentemente perecíveis; outras são simples, invisíveis e conseqüentemente, imortais. Essas últimas, assemelham-se ao divino e governam-nos dando identidade e individualidade.

Cebes e Símiias não se satisfazem com o exposto. Símiias dirá que a *psychê* pode ser o composto do *sôma*, de modo similar à harmonia da lira. Cebes compreende e aceita a *psychê* mais duradoura que o *sôma*, mas duvida que a *psychê* não pereça nas suas sucessivas encarnações, como um tecelão que usou vários trajés. Diante dessas questões, Sócrates argumenta contra Cebes, a *psychê* não pode ter harmonia, sendo composta de anterior e posterior, antes de seus componentes, e contra Símiias, a partir da teoria do “Mundo

das Ideias”, a *psychê* antecede ao *sôma* e caso fosse harmonia, como haveria *psychai* virtuosas e não virtuosas? Se assim fosse, teria que haver mais ou menos harmonia, o que não é possível, apesar da individualidade e identidade das *psychai*, as almas mantêm suas essências imutáveis de *psychai*.

Diante do argumento de Cebes, Sócrates se reportará a questão da geração das coisas, dizendo ser este um tema que sempre lhe afligiu, que em um momento de sua vida, acreditou ter encontrado a resposta para esse enigma, a partir dos escritos do pré-socrático Anaxágoras, para quem o logos governa e orienta a tudo. Contudo, no decorrer de seus escritos, substituiu essa formulação por respostas fantásticas do ar e da água. Para ele, é certo que as “Ideias” dão realidade e juízo a todas as coisas, demonstrando e não se transformando em suas contrárias. Por sua vez, Sócrates nos adverte para o perigo do ódio pela razão, cujos argumentos fundamentam-se em raciocínios lógicos.

Platão termina este diálogo relatando o mito em que há uma descrição da Terra e de seus rios e lagos, para onde vão as *psychai* para expurgar seus delitos ou desfrutar da companhia dos deuses. Nesse diálogo, afirma que aqueles que filosofam se desprendem dos espinhos em que os *sômata* os aprisionavam, podendo conviver com os deuses.

Diante do exposto, podemos constatar o papel desempenhado pelo mito na filosofia de Platão: torna comunicável o incomunicável, o invisível em visível e o indizível em dizível, de maneira que o logos capta o ser, e o mito capta a vida. Assim, Sócrates aconselha-nos a preocupar com a *psychê* nesta vida no decorrer dos tempos, com serenidade no momento da morte. Sócrates não perece com sua morte, sua identidade e individualidade, seu verdadeiro eu constituído pela *psychê* permanecem, demonstrando ser ele um homem virtuoso durante a sua vida.

Fédon